

Joaquim Fialho • José Saragoça
M.^a da Saudade Baltazar • Marcos O. dos Santos

Coordenadores

REDES SOCIAIS

**PARA UMA COMPREENSÃO
MULTIDISCIPLINAR DA SOCIEDADE**



EDIÇÕES SÍLABO

Sobre o CICS.NOVA.UÉvora

A abordagem interdisciplinar constitui o âmago das atividades desenvolvidas pelo CICS.NOVA, Unidade de Investigação e Desenvolvimento, que integra mais de quatro centenas investigadores oriundos de diversas Instituições de Ensino Superior, e com instalações nas Universidades Nova de Lisboa, Açores, Évora e Minho e ainda no Instituto Politécnico de Leiria. O Polo sediado na Universidade de Évora – CICS.NOVA.UÉvora – tem como missão contribuir para o conhecimento sobre as dinâmicas territoriais e sociais inerentes às áreas de transição e/ou territórios de baixa densidade, assumindo compromissos no âmbito da investigação fundamental, da investigação aplicada, da formação de investigadores juniores e na assessoria técnico-científica a trabalhos de extensão universitária. Integra investigadores que partilham objetivos de investigação interdisciplinar fundamental e aplicada, oriundos da Universidade de Évora, da Universidade do Algarve, do Instituto Politécnico de Beja e do Instituto Politécnico de Portalegre, com *expertise* nos seguintes domínios:

- Desigualdades Sociais e Ação Pública.
- Cidadania, Trabalho e Tecnologia.
- Cidades, Ambiente e Desenvolvimento Regional.
- Sistemas de Modelação e Planeamento.
- Saúde, População e Bem-estar.
- Educação, Conhecimento e Cultura.

O CICS.NOVA.UÉvora, face ao contexto regional onde se insere e pelo enquadramento institucional com as demais estruturas de investigação sediadas nas Instituições de Ensino Superior Parceiras, assume-se como uma unidade de investigação que pretende contribuir para uma investigação com qualidade reconhecida ao potenciar a abordagem a problemas complexos e novos desafios sociais e que responda às preocupações da sua envolvente através de uma efetiva transferência de conhecimentos.

É com esse desígnio que no ano de 2017, se realizou o 1º Congresso Internacional de Redes Sociais, mobilizando investigadores seniores e juniores, de diversas nacionalidades, em torno do conceito polissémico de rede social para compreender a complexidade das relações sociais na atualidade, cuja compilação dos textos que agora se publica ilustra de forma notável o valioso contributo destes investigadores sobre o tema, quer seja numa perspetiva teórico-metodológica quer de aplicação prática.

Universidade de Évora, 14 de maio de 2018
A Coordenadora do CICS.NOVA.UÉvora

Maria da Saudade Baltazar

REDES SOCIAIS

**PARA UMA COMPREENSÃO
MULTIDISCIPLINAR
DA SOCIEDADE**

Coordenadores

JOAQUIM FIALHO

JOSÉ SARAGOÇA

MARIA DA SAUDADE BALTAZAR

MARCOS OLÍMPIO DOS SANTOS

EDIÇÕES SÍLABO

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio gráfico, eletrónico ou mecânico, inclusive fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Não participe ou encoraje a pirataria eletrónica de materiais protegidos. O seu apoio aos direitos dos autores será apreciado.

Visite a Sílabo na rede
www.silabo.pt

Referees:

António Moreira, Universidade Aberta
António Pedro Marques, Universidade de Évora
António Abrantes, Universidade do Algarve
Cristina Pereira Vieira, Universidade Aberta
Domingos Braga, Universidade de Évora
Helena Arco, Instituto Politécnico de Portalegre

FICHA TÉCNICA

Título: Redes Sociais – Para uma Compreensão Multidisciplinar da Sociedade

Autores: Vários

Coordenadores: Joaquim Fialho, José Saragoça, Maria da Saudade Baltazar,
Marcos Olímpio dos Santos

© Edições Sílabo, Lda.

Capa: Pedro Mota

1ª Edição – Lisboa, maio de 2018.

Impressão e acabamentos: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

Depósito Legal: 441562/18

ISBN: 978-972-618-922-0

 **EDIÇÕES SÍLABO, Lda.**
Publicamos conhecimento

Editor: Manuel Robalo

R. Cidade de Manchester, 2

1170-100 Lisboa

Telf.: 218130345

e-mail: silabo@silabo.pt

www.silabo.pt

Índice

Introdução

A pertinência de um livro de redes sociais com uma abordagem multidisciplinar 13

Joaquim Fialho • José Saragoça • Maria da Saudade Baltazar • Marcos Olímpio dos Santos

Capítulo 1

A propósito de redes sociais – Do conceito à compreensão multidisciplinar da sociedade 19

Joaquim Fialho • José Saragoça • Maria da Saudade Baltazar • Marcos Olímpio dos Santos

1.1. A polissemia do conceito de rede social 20

1.2. A perspectiva multidisciplinar da análise de redes sociais na
(des)construção social 24

Capítulo 2

Informação, conhecimento e redes sociais no campo da saúde 29

Regina Maria Marteleto

2.1. Introdução 30

2.2. Redes e redes sociais 31

2.3. Informação, redes e capital social 33

2.4. O campo da saúde coletiva e a educação popular e saúde (EPS) 36

2.5. Rede de Educação Popular e Saúde (RedPopSaúde) 39

2.6. Estudando a RedPopSaúde	41
2.6.1. Elos, centralidades e relações	42
2.6.2. Rede de educação popular e saúde – expoentes	45
2.6.3. Capital social	46
2.7. Conclusões	47

Capítulo 3

Redes y relaciones sociales – El artículo de Lorrain y sus consecuencias 51

Narciso Pizarro

3.1. Introducción	52
3.2. La composición de relaciones	53
3.3. Consecuencias metodológicas de las relaciones compuestas	56
3.4. El concepto de relación social: la observación de la regularidad en los procesos	58
3.5. Sistemas sociales y reproducción social	63

Capítulo 4

A rede social como processo de governança local estratégica – Fatores críticos e recomendações a partir de um estudo sobre comissões sociais de freguesia 67

Cristina Pinto Albuquerque • Joana Vale Guerra • Jacqueline Ferreira Marques

4.1. Introdução	68
4.2. Rede social e governança local estratégica: possibilidades e limites	72
4.3. Fatores críticos dos processos de governança local e recomendações a partir de um estudo de Comissões Sociais de Freguesia	76
4.3.1. Operacionalidade e substancialidade das CSF: dados empíricos	77
4.3.2. Recomendações para efetivação de governança local estratégica	80
4.4. Considerações finais	82

Capítulo 5

Redes sociais municipais e promoção de emprego – Contributos para a construção de territórios inclusivos 85

João Emílio Alves

- 5.1. Introdução: um ponto de partida... um problema analítico...
um objeto de estudo... uma abordagem metodológica plural 86
- 5.2. Um percurso analítico-conceptual: do que falamos,
quando falamos em «redes sociais (municipais)»? 87
- 5.3. Que contributos das redes sociais municipais
para a construção de territórios inclusivos? 91
- 5.4. Conclusões 94

Capítulo 6

Usos e gratificações – Uma experiência do consumo das redes sociais digitais 97

Raquel Ferreira • Rita Espanha

- 6.1. Introdução: redes sociais digitais 98
- 6.2. Construção identitária 101
 - 6.2.1. Estratégia de participação – devoção 101
 - 6.2.2. Estratégia de participação – moderação 102
- 6.3. Vigilância 103
 - 6.3.1. Vigilância do macrocosmos 104
 - 6.3.2. Vigilância do microcosmos 105
- 6.4. Interação social 106
 - 6.4.1. Estratégia de interação: intensa, moderada e mínima 107
- 6.5. Recordação de memórias 107
- 6.6. Aprendizagem/aconselhamento 108
- 6.7. Entretenimento/gestão do humor 110
- 6.8. Variáveis não mutuamente exclusivas:
motivos e estratégias multiecrãs 111
- 6.9. Considerações finais 112

Capítulo 7

Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter 119

Raquel Recuero • Gabriela Zago • Felipe Bonow Soares

7.1. Introdução	120
7.2. Mídia social e difusão de informações	121
7.2.1. Mídia social, difusão de informações e esfera pública	121
7.2.2. Filtros em redes sociais	124
7.3. Métodos	127
7.3.1. Coleta de dados	127
7.3.2. Métodos de análise	128
7.4. Análise: narrativas do impeachment	129
7.5. Considerações finais	140

Capítulo 8

#EstuproNãoéCulpadaVítima – A apropriação da mesma hashtag para a disseminação de valores e narrativas diferentes no twitter a partir da ARS 143

Letícia Ribeiro Schinestsck

8.1. Introdução	144
8.2. A hashtag #EstuproNãoÉCulpaDaVítima	146
8.3. Metodologia e análise de rede social	147
8.3.1. Separação por clusters	153
8.4. Considerações finais	157

Capítulo 9

Redes sociais digitais – A importância da dimensão económica e a emergência de monopólios digitais 159

Jonas Valente

- 9.1. Introdução 160
- 9.2. As redes sociais digitais 161
- 9.3. O mercado mundial das redes sociais digitais 165
 - 9.3.1. A dimensão económica das RSD 173

Capítulo 10

La visualización y representación del conocimiento en la jurisprudencia de las nuevas tecnologías en francia 179

Audilio Gonzalez Aguilar • Adilson Luiz Pinto

- 10.1. Introducción 180
- 10.2. La utilización del análisis de redes sociales en derecho 184
- 10.3. La visualización y representación del conocimiento en la jurisprudencia de las nuevas tecnologías en Francia 192
 - 10.3.1. Los objetivos del trabajo de visualización de la jurisprudencia sobre el derecho de autor 193
 - 10.3.2. Etapas del proceso de visualización de redes de la jurisprudencia 193
 - 10.3.3. Los datos del estudio 194
 - 10.3.4. Los resultados de la visualización de la jurisprudencia sobre el derecho de autor 195
- 10.4. Conclusión y perspectivas de la investigación 198

Capítulo 11

Mobilização de pessoas em grupos virtuais – O papel das lideranças 203

Davi Barboza Cavalcanti • Breno Fontes

11.1. Introdução	204
11.2. Redes sociais e ação coletiva: uma ideia preliminar	204
11.2.1. Desafios para a mobilização	205
11.2.2. Os significados a partir dos protagonistas: a Teoria do Discurso	206
11.3. Os territórios urbanos e os campos de luta glocalizados: a experiência do DU	207
11.4. Trajetória	213
11.5. Articulação	215
11.6. Mobilização	216
11.7. Considerações finais	218

Capítulo 12

A informação existente nas narrativas humanas das redes sociais 221

Valéria Macedo

12.1. Introdução	222
12.2. A complexidade narrativa	224
12.3. A narrativa informacional e o simbolismo nas redes sociais	227
12.4. Metodologia utilizada	230
12.5. Resultados apurados	232
12.6. Conclusões	235

Capítulo 13

Grupos *eTwinning* – A aprendizagem entre pares na comunidade de escolas da europa 239

João José Pereira Marques • Rita Graça Zurrapa

13.1. Introdução	240
13.2. O portal <i>eTwinning</i> – espaço de colaboração	241
13.3. Grupos <i>eTwinning</i> – Espaço de desenvolvimento pessoal e profissional	242
13.3.1. Grupos de destaque <i>eTwinning</i>	248
13.3.2. Grupos <i>eTwinning</i> criados por professores para professores	248
13.3.3. Grupos <i>eTwinning</i> – Percepções dos professores	249
13.4. Conclusão	254

Capítulo 14

Analizar los lazos débiles y fuertes en las redes sociales nacidas de un proyecto sostenible descentrado del núcleo del poder, *Crowd Recycling* 257

María Zozaya-Montes

14.1. Un proyecto de reciclaje quiere ser el núcleo de la red	258
14.2. El <i>habitus reciclar</i> de <i>Crowd Recycling</i> , sus objetivos y fuentes	259
14.2.1. La vía de difusión personal en un proyecto descentrado del poder	261
14.2.2. La red social virtual, vía de difusión internacional del proyecto	263
14.3. Analizar los <i>brokers</i> y las redes de difusión del proyecto, personal y virtual	265
14.3.1. Estudiando la intensidad y el alcance de los lazos (fuertes o débiles)	267
14.4. Conclusión: los principales aportes de las redes divididas, virtual y personal	270

Capítulo 15

Redes sociais, migrações e transnacionalismo 275

Ana Paula Cordeiro

15.1. Introdução 276

15.2. O papel das redes sociais nos processos migratórios 277

15.3. Redes sociais e percurso migratório 278

15.4. Evolução das redes sociais no quadro migratório 281

15.5. A importância das redes sociais na emergência
do transnacionalismo, das comunidades e práticas transnacionais 284

15.6. Nota final 286

Notas curriculares 289

Introdução

**A pertinência de um livro
de redes sociais com uma
abordagem multidisciplinar**

Joaquim Fialho

José Saragoça

Maria da Saudade Baltazar

Marcos Olímpio dos Santos

A vida em rede encontra-se, de forma muito consistente, enraizada no nosso quotidiano. Redes de comunicação, redes de tráfico, redes informáticas, redes virtuais, redes de transporte, redes por cabo, entre tantas outras, presentes nas nossas práticas e rotinas diárias, que nos permitem afirmar que vivemos totalmente (em)redados. O nosso quotidiano faz-se de um emaranhado de interações sociais que têm como suporte as redes.

Habitamos na sociedade das redes. Nunca, tão sucinta afirmação, gerou um tão amplo debate. As redes sociais ocupam, hoje, uma centralidade sem precedentes nas sociedades desenvolvidas. São uma das componentes mais importantes na estrutura das relações sociais entre pessoas, organizações e grupos, através das quais se partilham valores, expectativas, interesses e uma imensidão de fluxos que as colocam num nível de complexidade elevado.

Conhecer e compreender a complexidade das redes sociais e a multiplicidade de configurações que lhes estão inerentes é um dos maiores desafios dos nossos dias. Descodificar as redes sociais, implica uma viagem até ao novo mundo das redes. Na dinâmica das relações sociais os atores nelas envolvidos desenvolvem as suas interações movidas por diversas lógicas e estratégias de ação colocando, aos interventores sociais e à comunidade académica, um conjunto de desafios para a sua compreensão, que exige uma abordagem multidisciplinar.

O conceito de rede social, abarca, em si mesmo, uma infinidade de correntes, provenientes dos mais variados campos científicos (antropologia, sociologia, política, psicologia, matemática, etc.), sendo também notório que nos mais diversos quadrantes da sociedade existem as mais diversas formas de redes.

As redes sociais, hoje, mais do que nunca, configuram um quadro de enormes desafios para os cientistas sociais e para a comunidade em geral. Respondendo a este desafio, o 1.º Congresso Internacional de Redes Sociais (CIReS) que decorreu na Universidade de Évora a 1 e 2 de junho de 2017, numa organização conjunta do polo de Évora do CICS.NOVA e do Departamento de Sociologia desta universidade, trouxe, até Évora, mais de trezentos participantes de todo o mundo, distribuídos por investigadores, docentes, trabalhadores sociais dos mais diversos organismos públicos e privados, empresas privadas e demais interessados no debate e identificação de estratégias de descodificação da complexidade deste novo mundo das redes sociais.

Durante dois dias os intervenientes procuraram refletir e deixar contributos para a abordagem multidisciplinar em torno das redes sociais.

A abordagem multidisciplinar que o leitor encontrará neste livro traduz um enorme contributo de alguns especialistas que participaram no debate, através da apresentação de várias perspetivas analíticas de temas tão variados como as redes sociais na saúde, os *social media*, as redes de intervenção social e as redes de luta contra a pobreza, entre outras. É esta riqueza multidisciplinar que dá corpo ao livro, através do qual os coordenadores procuram contribuir para um conjunto de clarificações teóricas, metodológicas e pistas para a ação, beneficiando de contributos de especialistas de Portugal, Espanha, Brasil e França.

O conceito e a compreensão multidisciplinar da sociedade das redes constitui o capítulo de abertura do amplo debate em torno das redes sociais. Os autores procuram clarificar o conceito de rede social e encetam um debate em torno da multidisciplinaridade das redes sociais nas sociedades contemporâneas.

Regina Marteleto, no segundo capítulo, apresenta uma reflexão sobre os desafios teóricos e as potencialidades metodológicas do estudo de redes sociais no campo da saúde a partir da perspetiva da informação, ou seja, de que forma as relações entre os atores sociais afetam as práticas de produção, circulação e apropriação das informações na atenção básica, no controlo e na promoção da saúde, tendo por base o pressuposto de que redes sociais não são infraestruturas de comunicação mas relações que, por meios diversos, os indivíduos e os grupos sociais interagem entre si.

No terceiro capítulo, da autoria de um dos mais conceituados analistas de redes sociais, Narcizo Pizarro, é feita uma revisitação a um dos trabalhos mais relevantes da literatura sobre redes. O artigo *Structural Equivalence of Individuals in Social Networks* de François Lorrain e Harrison White inicia uma discussão em torno da conceção de equivalência estrutural no quadro das redes sociais tornando-o, na literatura sobre o tema, um marco fundamental.

Cristina Pinto Albuquerque, Joana Vale Guerra e Jacqueline Ferreira Marques trazem para o debate os fatores críticos do Programa Rede Social em Portugal através da explanação e reflexão em torno das questões do funcionamento da rede, ilustradas a partir de um estudo diagnóstico e avaliativo de Comissões Sociais de Freguesia (CSF) de uma Rede Social da Região Centro de Portugal. Numa linha muito semelhante ao nível da intervenção social em rede, João Emílio Alves (Capítulo 5) traz para a análise multidisciplinar as redes sociais e a promoção do emprego. O autor parte do conceito

de rede social e procura ilustrar algumas dinâmicas de intervenção e de inovação com recurso a exemplos de projetos de promoção do emprego e do empreendedorismo a nível municipal, no território português, com potencial de mudança, em ordem à promoção de territórios inclusivos.

Raquel Ferreira e Rita Espanha, no capítulo denominado de «Usos e gratificações: uma experiência do consumo das redes sociais digitais», apresentam os resultados obtidos numa experiência de consumo de redes digitais e revelam as razões motivadoras dos usos das redes sociais digitais por jovens da zona urbana de Lisboa. Também, no quadro das redes sociais digitais, Raquel Recuero, Gabriela Zago e Felipe Bonow Soares exibem um trabalho de investigação que teve como objetivo a exploração das características da circulação de informações nos *social média*, face à possibilidade de formação de filtros-bolha. Os autores analisam dois conjuntos de dados relacionados com conversações políticas em torno de acontecimentos recentes no Brasil. O ambiente escolhido para a análise é o *site* da rede social Twitter. O método utilizado envolve uma combinação de análise de redes sociais (ARS) com análise de conteúdo. Os resultados apontam para a existência de grupos ideologicamente distintos na discussão dos temas abordados, colocando em xeque o caráter democrático da mídia social e seu potencial para ampliar a pluralidade de fontes informativas dos utilizadores.

No Capítulo 8, Letícia Ribeiro Schinestsck constrói uma análise duma rede social denominada *#EstuproNãoÉCulpaDaVítima*, no Twitter, no dia 27 de maio de 2016. A *hashtag* emergiu na rede após um caso de estupro coletivo de uma jovem de 16 anos ter vindo para o debate público, envolvendo, no mínimo, mais 33 homens na agressão, numa favela do Rio de Janeiro, no Brasil. A jovem que esteve no epicentro do debate público virtual confessa que não teria procurado a ajuda da polícia se o vídeo que a expôs em tal situação não tivesse sido disseminado na *web*. Com este capítulo, a autora pretende discutir a violência discursiva contra o corpo, neste caso, das mulheres, além de observar os discursos dominantes apontando a frequência e coocorrência de conceitos. Na análise, traça um perfil da rede no momento da recolha dos dados, evidenciando valores e manifestações de violência, seja ela simbólica ou não, que sempre estiveram presentes na sociedade, mas que hoje ganham um novo suporte para se realizarem e permitem que novos contextos sejam analisados, devido às possibilidades da rede. Os dados foram trabalhados com auxílio dos programas *NodeXL Pro* e *Textometrica*, formatados e distribuídos em forma de grafos no *Gephi*.

Jonas Valente (Capítulo 9) procura caracterizar os modelos de negócio e a estrutura de mercado, articulando de que forma o aspeto da produção, das trocas e do consumo estrutura a ação das Redes Sociais Digitais (RSD).

O Capítulo 10, da autoria de Audilio Gonzalez Aguilar e Adilson Luiz Pinto, apresenta um trabalho de mapeamento em que é utilizado o *software* Gephi para descodificar uma rede de jurisprudência e estabelecer/compreender as diferentes interações com diversas áreas do direito.

Davi Barboza Cavalcanti e Breno Fontes discutem, no Capítulo 11, os resultados de um trabalho de investigação com um grupo brasileiro organizador de «mobilizações» sociais. Os autores procuram responder à questão «de que maneira os internautas são mobilizados pelos líderes de um grupo virtual para reivindicar o direito à cidade e para discutir política?». Foi feito um estudo de caso do grupo Direitos Urbanos/Recife (DU) no Facebook e as análises tiveram como referencial teórico-metodológico a análise de redes sociais (ARS) e a teoria do discurso. Entre os resultados obtidos destacam-se a (I) tendência a qual os membros do DU têm de se relacionar com pessoas de círculos sociais parecidos e (II) a identificação das principais ações do grupo para mobilizar internautas. A temática é relevante por abordar desafios contemporâneos do ciberativismo e novos movimentos sociais, como a *Primavera Árabe*, o *Indignados*, os *Ocupas* e as manifestações nacionais de junho de 2013 e antigovernamentais de 2015/2016.

O trabalho de Valéria Macedo, apresentado no Capítulo 12, é a súpula de uma investigação que foi realizada em grupos públicos criados na rede social com a menção da palavra «memória» no seu título. A autora procurou encontrar indícios de informação em histórias narradas pelos membros. Seguindo as premissas básicas definidas para a identificação dos grupos foram encontrados 86 grupos que foram classificados nas seguintes categorias: cidades (66); comunicação (8), transportes (5); educação (2); vida pessoal (2); objetos da casa (1); esporte (1) e política (1). 78% dos grupos foram criados há mais de três anos, tendo o grupo mais antigo sete anos de existência. A análise de dois *posts* em categorias distintas evidenciou o uso de uma diversidade de formas de expressão, fotos, filmes, textos longos e curtos, histórias individuais e partilha de informação, inclusive com a expressão de sentimentos e opiniões diversas entre os membros.

Em sequência, João Marques e Rita Zurrapa relatam a experiência da aprendizagem dos professores através do projeto *eTwinning* que é uma plataforma *online* segura que promove a realização de projetos entre os profes-

sores, envolvendo alunos do pré-escolar ao ensino secundário, e que estimula a dinamização de espaços colaborativos e oferece oportunidades de desenvolvimento profissional dos professores.

María Zozaya-Montes apresenta no Capítulo 13 o resumo de uma estratégia de intervenção social denominada de *Crowd-Recycling* em que a autora aplica conhecimentos e categorias de *social network analysis* procurando encontrar os laços fortes e fracos da teoria de Mark Granovetter num trabalho focado na reciclagem e sustentabilidade dos micro-sistemas.

No último capítulo, Ana Paula Cordeiro enfatiza a influência determinante que as redes sociais tiveram e têm na decisão de migrar, na seleção do país de destino, na preparação do movimento, na instalação e integração na sociedade de acolhimento (designadamente na inserção no mercado de trabalho e no mercado habitacional) e na manutenção de contactos e laços com o país de origem.

Os coordenadores da obra que aqui se apresenta não podem deixar de manifestar o seu profundo agradecimento e reconhecimento público a todos os colegas que aqui disponibilizaram os seus trabalhos para uma *revisão cega* feita por *pares*, tornando possível a compreensão multidisciplinar de parte da realidade social, por via do enorme contributo que dão para a decodificação do complexo «mundo das redes».

Capítulo 1

A propósito de redes sociais

**Do conceito à compreensão
multidisciplinar da sociedade**

Joaquim Fialho

José Saragoça

Maria da Saudade Baltazar

Marcos Olímpio dos Santos

1.1. A polissemia do conceito de rede social

Vivemos na sociedade das redes e num emaranhado de relações sociais que importa descodificar.

As redes *são* relações sociais que se materializam em laços entre uma multiplicidade de atores sociais. Elas ocupam, nas sociedades contemporâneas, uma enorme centralidade na forma como estas se organizam e desenvolvem a sua estrutura social. Compreender como se formam as redes de relações, crescem e como a sua dinâmica influi nos modos de vida e de organização social, política e económica da sociedade, constitui, hoje, um enorme desafio para os cientistas sociais.

Uma rede social pressupõe um conjunto de nós que se encontram em interligação regular e que estimulam uma dinâmica e evolução da rede muito própria. Uma rede social é um conjunto de pessoas, grupos, organizações, etc. (atores) que se encontram ligados (nós) por relacionamentos sociais, imbuídos, por exemplo, por lógicas de cooperação, partilha, amizade (tipo de laços) e, através destas interações, desenvolvem e dinamizam uma estrutura social com uma identidade relacional muito própria, formando um ecossistema da rede.

Todos os seres vivos constituem ecossistemas dinâmicos que se integram num determinado ambiente de uma enorme complexidade reticular. Nesse ambiente, as suas vidas entrelaçam-se numa teia de relações caracterizadas por cooperação, conflito, competição, partilha, simbiose, entre outras. Esses ecossistemas, interligados e aparentemente equilibrados, fornecem alimento e abrigo, regulação de energia e reprodução e uma imensidão de outras dinâmicas. Cada membro da comunidade tem um papel essencial para manter essa rede num equilíbrio, ou seja, um equilíbrio relativo. Na natureza das redes não existem hierarquias, somente redes dentro de redes; não existem partes independentes, mas uma teia inseparável de relações interdependentes. A capacidade de operar sem hierarquia parece ser, assim, uma das mais importantes propriedades distintivas da rede. Todos nós, atores sociais deste ecossistema, mantemos relações de interdependência com uma panóplia de redes e, em todas elas, desenvolvemos uma dinâmica própria de laços. Somos seres das redes.

O homem é um ser gregário e desde os tempos mais remotos que sente necessidade de se agrupar, de trabalhar e viver em conjunto e, portanto, de

viver em relação numa teia complexa de interações sociais. Vivemos, desde a nossa génese, num mundo de redes.

As redes são formas de apresentar ou visualizar relações entre esses indivíduos, sendo as redes sociais modos de representação de estruturas sociais (conceito que só passa a ser inteligível se admitirmos que a «estrutura» é conhecida pelas configurações recorrentes das relações entre os indivíduos). Assim, a rede é «anterior» ao grupo em termos ontológicos – portanto, grupo, é um fenómeno que se gera no contexto da rede. No lugar de dizer que redes são formas de representação de agrupamentos, será mais apropriado afirmar que agrupamentos são configurações de rede, isto é, são grupos que se constituem como redes. A ideia de que os atores sociais determinam o comportamento da sociedade quando se agrupam de uma determinada maneira decorre de uma incompreensão da rede; ou seja, de uma incompreensão de que o ator é produzido pela tal estrutura social, isto é, pela rede. É também importante sublinhar que os indivíduos não são atores se não interagirem e, quando interagem, já são rede. Esta dimensão de interação com a rede permite-nos pensar numa socialização reticular em que todos somos resultado da nossa pertença a um conjunto de redes.

Quando os indivíduos se agrupam, não o fazem somente a partir de supostas escolhas individuais, baseadas nas suas características distintivas, visto que já estão sob o influxo da dinâmica de rede. Os seres humanos são seres sociais, exibem as suas qualidades intrínsecas numa encruzilhada de fluxos, identidades que se formam a partir da interação com outros indivíduos. O ser humano, como *continuum* de experiências e de relacionamentos, estrutura-se como ator por estar mergulhado num ambiente interativo. É a interação que gera o ator. À forma como é gerado o ator chama-se dinâmica da rede. Os indivíduos são seres da rede e o resultado dum emaranhado de interações sociais que decorrem e se consubstanciam na rede.

Os conceitos fundamentais na rede social são os atores e as ligações. Um ator pode ser uma pessoa, um grupo, uma empresa, ou seja, qualquer unidade social, enquanto uma ligação, funciona como conexão entre dois atores e que se materializa num laço. Ao conjunto dos atores e as suas ligações chama-se grupo e são denominados subgrupos quando os atores e respetivas ligações são parte ou subconjunto do grupo. Importa ainda referir que ao conjunto de ligações de um tipo específico (ex.: partilha, cooperação, etc.) entre os membros de um grupo chama-se relação.

Existem diversas razões que contribuem para a composição das ligações. Estas têm origem na diversidade de papéis que o indivíduo assume, como participante de um grupo. Trata-se de uma perspectiva partilhada por Boissevan (1974) em que o conceito sociológico de papel, corresponde às normas e expectativas que se aplicam à pessoa que ocupa uma determinada posição. Através de cada papel o indivíduo entra em contacto com outros para partilhar atividades de interesse comum. A estratificação dos papéis desempenhados pelos indivíduos ajudam a categorizar o tipo de relação.

Nas relações existem trocas de conteúdo transaccional. O conteúdo transaccional define-se como os elementos materiais e não-materiais trocados entre dois atores numa relação ou situação particular. Os conteúdos trocados dependem não só do papel, mas também da forma como cada ator específico desempenha esse papel. Os atores sociais não trocam conteúdos transaccionais na mesma quantidade e intensidade. Este conteúdo transaccional serve para medir a qualidade e intensidade das relações, percebendo-se qual a importância, disponibilidade e investimento que os atores atribuem à relação.

Na literatura especializada há, em nosso entender, alguma confusão etimológica sobre ao que nos reportamos quando utilizamos o conceito de rede social. Por isso, importa fazer, também, um ponto de clarificação. O mediatismo que as redes sociais virtuais ocupam no nosso quotidiano leva-nos, por vezes, a que incorramos no erro de as designar por redes sociais. De facto, apesar de se constituírem como o suporte de interações sociais, ainda que virtuais, a designação mais correta é a de «mídias sociais» ou, no inglês, *social media*. O Facebook, Instagram, Twitter, Orkut, Myspace, entre outras plataformas de interação *online*, são mídias sociais, assumindo-se como verdadeiros palcos de interação social que fomentam uma panóplia de laços e fluxos cujos limites não estão, para já, ao alcance do comum dos cientistas sociais. A essência do conceito de rede social implica uma estrutura de vínculos através dos quais se estruturam relações sociais entre amigos, colegas de trabalho, vizinhança, etc. As redes sociais são uma complexa e dinâmica estruturação de vínculos entre atores que formam uma teia de interações que tem inerente uma dinâmica e complexidade muito própria. Por exemplo, a sociedade civil é uma enorme rede social que tem inerente lógicas de interação e de complexidade que a tornam única e complexa.

A conceção de redes é, portanto, polissémica e remete-nos para uma multiplicidade de sentidos e contrassentidos, quadro que se agudiza num contexto atual em que as redes sociais atravessam uma multiplicidade de

Redes de comunicação, redes de tráfico, redes informáticas, redes virtuais, redes de transporte, redes por cabo, redes familiares, redes de amigos, redes de profissionais, entre tantas outras, estão enraizadas e servem de suporte às nossas atividades quotidianas. São uma das componentes mais importantes na estrutura das relações sociais entre pessoas, organizações e grupos, através das quais se partilham valores, expectativas e interesses numa enorme quantidade de fluxos que as colocam num nível de complexidade elevado.

Conhecer e compreender a complexidade das redes sociais e a multiplicidade de configurações que lhes são inerentes é um dos maiores desafios dos nossos dias. Descodificá-las e compreendê-las implica uma viagem até aos seus novos paradigmas, colocando aos intervenores sociais, à comunidade académica e a todos os que sobre elas se debruçam, um conjunto de desafios que exige uma abordagem multidisciplinar que convoca, entre outras disciplinas, a antropologia, a sociologia, a política, a psicologia e a matemática.

A abordagem multidisciplinar que o leitor encontrará neste livro, traduz um contributo significativo de alguns especialistas de várias nacionalidades no estudo das redes através da apresentação de diversas perspetivas analíticas de temas tão variados como as redes sociais na saúde, os *social media*, as redes de intervenção social e as redes de luta contra a pobreza, entre outras. É esta riqueza multidisciplinar incorporada neste livro, que permite aos seus coordenadores dar o seu contributo para apresentar um conjunto de clarificações teóricas e metodológicas, bem como fornecer pistas para a ação.

Este livro teve o apoio:

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

**CICS.NOVA**
CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Coordenadores



Joaquim
Fialho



José
Saragoça



Maria da
Saudade
Baltazar



Marcos
Olímpio
dos Santos

Autores dos capítulos

Adilson Luiz Pinto
Ana Paula Cordeiro
Audilio Gonzales Aguilar
Breno Augusto Souto Maior Fontes
Cristina Pinto Albuquerque
Davi Barboza Cavalcanti
Felipe Soares
Gabriela Zago
Jacqueline Ferreira Marques
Joana Vale Guerra
João Emílio Alves
João Marques
Joaquim Fialho
Jonas Valente
José Saragoça
Letícia Ribeiro Schinestsck
Marcos Olímpio dos Santos
Maria da Saudade Baltazar
María Zozaya-Montes
Narcizo Pizarro
Raquel Ferreira
Raquel Recuero
Regina Marteleto
Rita Espanha
Rita Zurrapa
Valéria Macedo

